



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

JOSIANE DE JESUS MARTINS DA SILVA

**"O RIO TOCANTINS DÁ VIDA AOS PESCADORES, A UHE - ESTREITO TIRA":
UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DAS MUDANÇAS SOCIOAMBIENTAIS
PERCEBIDAS PELOS PESCADORES DA COLÔNIA Z7 NO RIO NA ALTURA DE
TOCANTINÓPOLIS-TO**

TOCANTINÓPOLIS-TO

2016

Josiane de Jesus Martins da Silva

**"O RIO TOCANTINS DÁ VIDA AOS PESCADORES, A UHE - ESTREITO TIRA":
UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DAS MUDANÇAS SOCIOAMBIENTAIS
PERCEBIDAS PELOS PESCADORES DA COLÔNIA Z7 NO RIO NA ALTURA DE
TOCANTINÓPOLIS-TO**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Tocantinópolis, para obtenção do título de licenciatura em Ciências Sociais, sob a orientação do Professor Mestre Bruno dos Santos Hemmes.

**Tocantinópolis – TO
2016**

Estado de Tocantins - Universidade Federal do Tocantins

UFT CAMPUS DE TOCANTINÓPOLIS	
BIBLIOTECA	
CLASSE:	MD 624
CÚTTER:	S586p
TOMBO:	247105
DATA:	21-05-19

UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DAS MUDANÇAS SOCIOAMBIENTAIS PERCEBIDAS PELOS PESCADORES DA COLÔNIA Z7 NO RIO NA ALTURA DE ESTREITO TIRACÁ - TOCANTINÓPOLIS-TO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S586p Silva, Josiane de Jesus Martins da .
 Pescadores da Colônia Z7 em Tocantinópolis: uma Análise Antropológica das Mudanças Socioambientais Percebidas pelos Impactados pela Usina Hidrelétrica de Estreito - MA. / Josiane de Jesus Martins da Silva. – Tocantinopolis, TO, 2016.
 40 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
 Câmpus Universitário de Tocantinopolis - Curso de Ciências Sociais,
 2016.

Orientador: Bruno Dos Santos Hemmes.

1. Colônia de Pescadores. 2. Universo cultural. 3. Impactos. 4. Ambientais. I. Título

CDD 300

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Josiane de Jesus Martins da Silva

**PESCADORES DA COLÔNIA Z7 EM TOCANTINÓPOLIS: UMA ANÁLISE
ANTROPOLÓGICA DAS MUDANÇAS SOCIOAMBIENTAIS PERCEBIDAS PELOS
IMPACTADOS PELA USINA HIDRELÉTRICA DE ESTREITO - MA**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Tocantinópolis, para obtenção do título de licenciatura em Ciências Sociais, sob a orientação do Professor Mestre Bruno dos Santos Hammes.

Data de Aprovação 17 / 08 / 2016

Banca Examinadora:

Bruno dos Santos Hammes Orientador

Bruno dos Santos Hammes
Professor Mestre
Fundação Universidade Federal do Tocantins
Campus Universitário de Tocantinópolis

César Sagrilo Figueredo Examinador

César Sagrilo Figueredo
Professor Doutor
Fundação Universidade Federal do Tocantins
Campus Universitário de Tocantinópolis

Rafael da S. Noletto Examinador

Rafael da Silva Noletto
Professor mestre
Fundação Universidade Federal do Tocantins
Campus Universitário de Tocantinópolis

Martina Lolo
Faz o melhor
Marques & Eto.

Dedico a todos os meus familiares e amigos pela motivação renovada a cada dia ao trilhar este caminho em especial aos meus pais e ao meu filho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado força e saúde para superar as dificuldades. A esta universidade, seu corpo docente e administrativo, que oportunizaram uma janela que hoje vislumbro um horizonte maior de vida profissional concentrada no mérito e ética aqui presente.

Ao meu orientador Bruno Hammes por sua presença e orientação neste momento tão importante na minha carreira estudantil, pelas suas correções e incentivo.

A minha família, em especial ao meu filho Arthur Filho, e aos meus pais, José Ribamar e Maria Martins pelo incentivo ao trilhar o caminho correto.

Aos colegas de aula e formação, Geuivaldo Serafim, Miguel Oliveira, Érica Marques e Elzilene Cabral. Meu muito obrigado, por mostrarem uma sincera amizade.

100
100
100
100
100

PALAVRA CHAVE

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”
Arthur Schopenhauer

RESUMO

A presente pesquisa teve por objetivo realizar uma reflexão sobre o universo da Colônia de Pescadores Z7 do município de Tocantinópolis-TO. Partindo de uma descrição etnográfica deste universo cultural pesqueiro para chegar em seus dilemas mais atuais. Seguido de um breve recorte histórico da comunidade demonstrando sua importância para a sociedade tocantinopolina e finalizando com uma reflexão que é o ponto central desta discussão que busca elucidar ao leitor, os impactos que esta comunidade e as cidades do entorno sofreram com a construção de mais um empreendimento energético no Rio Tocantins, acima desta comunidade.

KEY WORD: Colônia de Pescadores Z7

PALAVRA CHAVE: Colônia de Pescadores. Universo cultural. Impactos. Ambientais.

ABSTRACT

This research aims to carry out a reflection on the world of Cologne Z7 Fishermen in the municipality of Tocantinópolis -TO. Starting from an ethnographic description of this fishing cultural universe. Therefore a brief community historical period demonstrating its importance to tocantinopolina society and ending with a reflection that is the central point of this discussion, this reflection seeks to elucidate the reader, the impact that this community suffered with the construction of energy development in Rio Tocantins, above this community.

KEY WORD: Colony of Fishermen. cultural universe. Environmental. impacts.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 01 - Imagens de satélite.....	16
Fotografia 02 - Casas artesanais típicas conhecidas como casa de taipa.....	17
Fotografia 03 - Casas típicas com telha de coxa.....	17
Fotografia 04 - Porto dos barcos da colônia de pescadores Z7.....	18
Fotografia 05 - Confeção ou concerto da rede e traíás de pesca.....	19
Fotografia 06 - Embarcações de metal com motores.....	20
Fotografia 07 - Antigo Mercado Municipal de Tocantinópolis.....	21
Fotografia 08 - Sede da Colônia de pescadores Z7.....	24
Fotografia 09 - Peixes retirados do Rio Tocantins na UHE – Estreito.....	25
Fotografia 10 - Mortandade de peixes.....	27

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. PESCADORES DE TOCANTINÓPOLIS: Etnografia do universo pesqueiro.....	15
3. COLÔNIA DE PESCADORES Z7: Da História aos impactos ocasionados pela Usina Hidrelétrica de Estreito – UHE-Estreito	23
3.1. Colônia de pescadores Z7: breve histórico e aspectos sociais.....	23
3.2. “O Rio Tocantins dá vida aos pescadores, a Usina Hidrelétrica de Estreito tira”	29
3.2.1. O Rio Tocantins	29
3.2.2. UHE Estreito, impactos e prejuízos aos pescadores abaixo da barragem..	33
4. MODIFICAÇÃO DE UMA CULTURA PESQUEIRA, À GUIA DA CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36
SITES CONSULTADOS.....	38
GLOSSÁRIO.....	39

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho explora o universo social e cultural da colônia de pescadores Z7 localizada na cidade de Tocantinópolis, situada na região norte do estado do Tocantins. O mesmo foi pensado e construído após uma visita técnica à Usina Hidrelétrica de Estreito – UHE, a mesma fazia parte de uma aula de campo da disciplina “Análise e Planejamento Socioambiental”, que integra a grade curricular do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Tocantins (UFT), na condição de disciplina optativa.

Na época estava sendo ministrada pelo professor mestre Ubiratan Francisco de Oliveira, ao cursar esta disciplina ficou perceptível, ao menos para mim, a extensão dos impactos ambientais ocasionados pelo empreendimento energético tanto acima quanto abaixo da barragem. Este fator atrelado à vivência e convivência com a comunidade pesqueira da cidade de Tocantinópolis, fez surgir em mim o interesse pela análise científica da atual situação vivida por estas pessoas.

Ainda sobre a cidade em relação ao estado, Tocantinópolis está localizada na microrregião conhecida como “Bico do Papagaio”, nome que se deve ao formato geográfico que resulta dos limites geográficos entre o Tocantins e os estados vizinhos em sua porção norte, a saber: Pará (também na região norte do país) e Maranhão (região nordeste do país) que nos alude ao bico da ave em questão.

A partir de uma pesquisa pautada na observação-participante e conversas informais apresento uma descrição etnográfica do local buscando elucidar todo o universo e vida de personagens-chave que se alia aqui ao artifício da narrativa biográfica, história de vida e narrativas orais na referida colônia de pescadores.

Devo informar que esta pesquisa foi realizada a partir do pressuposto de que a história da comunidade pesqueira coincide, em boa medida, com a história da cidade de Tocantinópolis, criando dessa forma uma identidade própria e compartilhada por tocanopolinos, pescadores ou não, baseado e dependente da forma de vida exploratória e de uma econômica estabelecida a partir da vivência com/no Rio Tocantins.

Afinal, apesar de não tão evidenciada a dimensão da pesca na identidade local, a cidade assim como a colônia de pescadores tem estreita ligação com o rio, ao

começar pelo nome da cidade que é uma alusão ao rio e não ao Estado, porém é muito mais novo que a cidade. Deste modo ambos aludem ao fato de a construção do empreendimento do ramo energético na cidade de Estreito - MA, está afetando e desestruturando este modo de vida e afetando a economia e os hábitos alimentares dos cidadãos.

Antes de seguir, é preciso evidenciar mais uma dimensão em que se constata a relevância da temática, pois na atualidade (2016) existem em operação ao longo do curso do Rio Tocantins 7 (sete) usinas hidrelétricas o que constata que a UHE-Estreito não é um fenômeno isolado. Ferreira *et al* (2014) afirmam que, “No que concerne ao Rio Tocantins, local onde se encontra instalada a UHE Estreito, foco deste estudo, Camargo (2011) afirma que, em razão da implantação de diversas usinas hidrelétricas, esse rio será uma sucessão de lagos de água paradas.”. E ainda apontam, segundo dados da composição dos acionistas dos consórcios que detêm a licença de exploração que, o domínio dos empreendimentos está sob o controle de empresas estrangeiras.

Segundo dados da Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL) referentes a 2008, levantados por Ferreira *et al* (2014), existiam já naquela ocasião, sete empreendimentos energéticos em operação ao longo do Rio Tocantins, nem todos no estado mas todos afetando diretamente a dinâmica e a ecologia da bacia do rio. Mas, algo que chama nossa atenção sobre estes empreendimentos é: a nacionalidade e a participação de empresas nacionais e estrangeiras como acionistas nos consórcios que administram os mesmos. A saber, destes em apenas dois, empresas brasileiras eram acionistas majoritárias: UHE Serra da Mesa (63%) e UHE Tucuruí (100%). Em outras duas a nacionalidade da empresa majoritária é Portugal e nas outras três, a maior acionista é a empresa Belga Tractebel Energia, a qual detém o controle total de duas Usinas: UHE Cana Brava e UHE São Salvador.

A colônia de pescadores Z7 está situada na cidade de Tocantinópolis, como dito anteriormente, mais especificamente no setor beira rio. As pessoas que vivem somente da pesca residem praticamente a uma distância mínima entre 100 e 500 metros da margem tocantinense do Rio Tocantins.

Estes trabalhadores realizam a atividade de pesca durante oito meses do ano no período em que os peixes não estão se reproduzindo. Durante os outros quatro meses do ano, que correspondem ao período que vai de novembro a fevereiro do ano seguinte, estes trabalhadores são compensados com o auxílio-defeso pago pelo

governo que equivale a um salário-mínimo. Ainda na margem do rio Tocantins, próximo ao local de deságue de um dos afluentes: o Ribeirãozinho, que recebe em seu curso outro nome também, a saber, Ribeirão da Tobasa, podemos encontrar o porto, onde os pescadores ancoram suas canoas utilizadas para a pesca, são cerca de 30 canoas, mas algumas destas não pertencem as pessoas que vivem da pesca.

Ainda sobre a elaboração deste trabalho é preciso dizer que foi realizada previamente pesquisa bibliográfica sobre cultura, comunidades tradicionais, e impactos ambientais e leitura de clássicos das Ciências Sociais, e produção de dados etnográficos. A pesquisa foi realizada em três momentos, dois de produção de dados que duraram 3 meses (de quando a quando) e outro de análise dos dados (de quando a quando). O primeiro, observação-participante, onde me foi possível observar e descrever a comunidade de pescadores, tanto no sentido físico e estrutural como no sentido social e cultural.

O segundo foi realizado a partir do levantamento da história da comunidade e levantamento dos impactos sofridos pós-construção da UHE – Estreito, a partir de diálogos com os integrantes da comunidade intermediados por metodologia de pesquisa qualitativa.

O terceiro momento, foi a realização de análises a partir dos dados produzidos sobre a comunidade a partir de conversa/entrevista com membros da comunidade que contaram sua história, com foco na organização social antes da barragem e as modificações pós-construção da mesma.

Logo temos que, o primeiro capítulo é uma descrição etnográfica da comunidade e seu espaço, descrevendo seu universo físico e cultural/organizacional. No segundo capítulo é realizada uma interpretação mais teórica da comunidade partindo da história da mesma apresenta os impactos da barragem e alterações sofridas na comunidade. Por fim, no terceiro apresento as conclusões a partir dos dados.

Esta pesquisa teve a finalidade de comunicar aos leitores, a importância, que o trabalho de campo permitiu entender, da comunidade dos pescadores, e alertar os mesmo sobre os impactos ambientais, culturais e sociais causados pela construção da UHE-Estreito na organização da vida dos/das colonos/as .

2. PESCADORES DE TOCANTINÓPOLIS: Etnografia do universo pesqueiro

2.1. Por uma breve descrição etnográfica do universo da Colônia de Pescadores Z7

A atividade pesqueira na cidade de Tocantinópolis é algo cotidiano, realizada tanto por pescadores tradicionais de profissão quanto por outros moradores da cidade. A colônia de pescadores Z7 está situada em uma região considerada próxima ao centro da cidade de Tocantinópolis. É comumente conhecida por vila dos pescadores, porém, quem participa desta colônia ou sobrevive desta atividade não reside somente nesta vila, há pescadores de outros bairros da cidade que desenvolvem suas atividades por intermédio desta instituição.

A região onde a colônia Z7 (nome dado a esta colônia de pescadores), é uma região que possui várias especificidades geográficas, físicas e sociais tornando a comunidade estudada única. Uma das marcas desta região é que ela é o local de encontro entre o já referido, Ribeirãozinho (ou Ribeirão da Tobasa), que atravessa toda a cidade de Tocantinópolis e o Rio Tocantins (ver Imagem 01). Quanto ao acesso à colônia há duas ruas que dão acesso ao local, são elas: Rua do Matador e Rua da Palha.

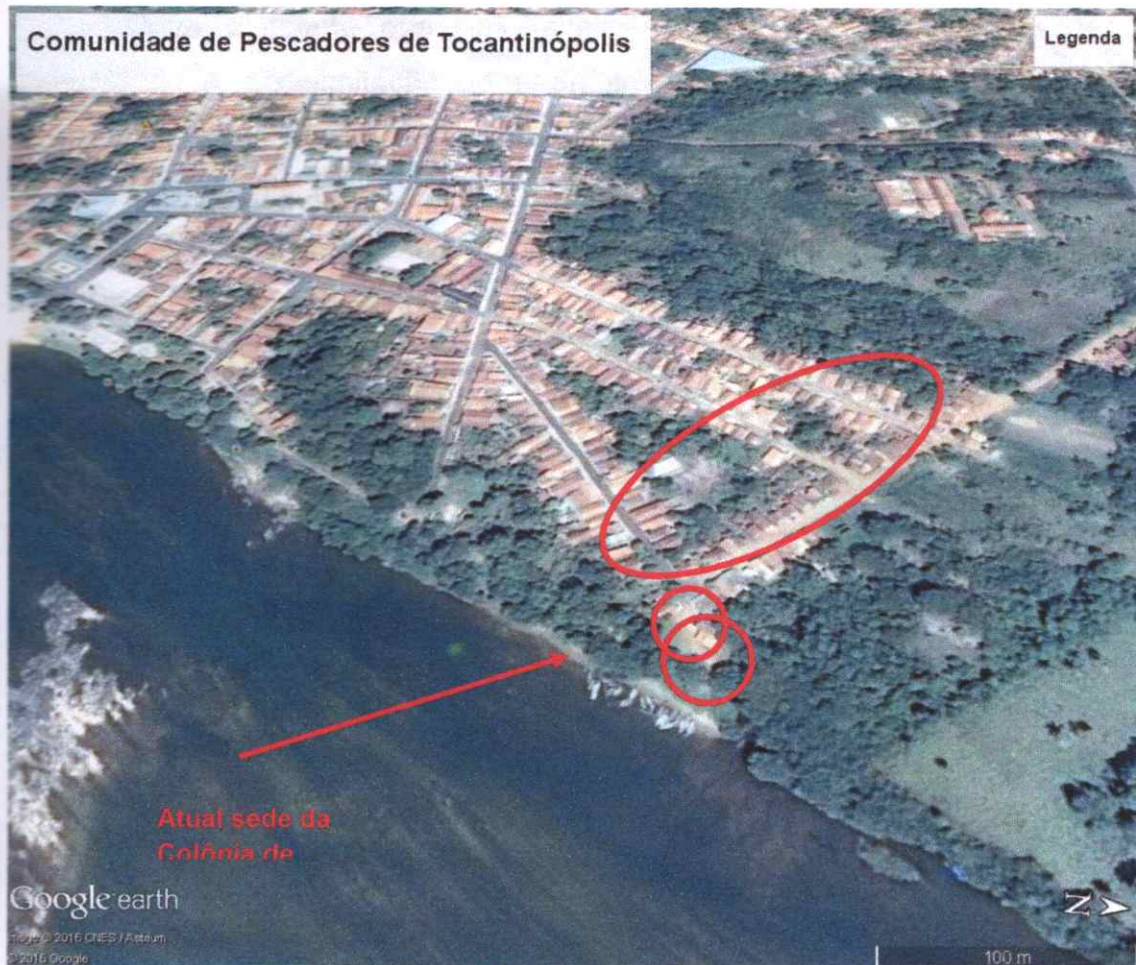


Foto 01: Imagens de satélite que mostra a atual área da colônia. Fonte: Google Earth¹²

Há pouco tempo atrás estas ruas principalmente a segunda era rodeada de casas construídas artesanalmente ao modelo de casas de taipa ou casas de Tijolos de Barro ou Alvenaria, e cobertas com telhas artesanais, popularmente chamadas de “telha de coxa³” (ver foto 03), ou então com palhas de uma palmeira típica da região e usada para vários fins: o Babaçu, que inclusive é matéria prima para a TOBASA⁴.

Atualmente nesta localidade, na Rua da Palha, as casas são feitas de tijolos e telhas industriais, muitas delas são casas populares construídas por governantes locais que substituiriam as antigas casas artesanais, porém nas proximidades e no interior da comunidade ainda se encontra casas de taipa ou resquícios destas construções.

¹ O círculo pequeno mostra o local de desagüe o córrego no Rio Tocantins.

² O círculo grande mostra o perímetro da comunidade.

³³ A expressão, “feito nas coxas”, que remete ao modo artesanal como eram feitas as telhas, cuja medida variava. Uma vez que tinham como “molde” as coxas de escravizados. [Fonte?]

⁴ Dizer o que significa Tobasa, quando foi criada e etc...

Outro elemento que nos revela a forma de vida das pessoas desta comunidade é a delimitação do perímetro de seu terreno, algumas casas são rodeadas com cerca construída com estacas de madeira fincadas na terra interligadas umas às outras com arame farpado e no arame é preso às chamadas “talas de coco”, esta também retiras do babaçu quando a planta ainda é jovem (a palmeira de babaçu quando jovem é chamada de pindoba).



Foto 02: casas artesanais típicas conhecidas como casa de taipa (foto: Google Earth)



Foto 03: casas típicas com telha de coxa (foto: Google Earth)

O riacho que deságua no rio Tocantins, em determinado trecho passa por dentro da comunidade dividindo-a em duas áreas, a primeira fica mais distante do rio e a segunda que fica mais próxima. Na segunda o riacho passa ao fundo das residências sentido sul-norte, é um afluente muito usado desde sua nascente até o desague no Rio Tocantins, o que não seria diferente nesta comunidade, pois algumas pessoas a utilizam como lavatório (ver foto 04), como é o caso da dona Deusileia Pereira, uma das minhas interlocutoras. Sendo usado para várias outras finalidades, lavar roupas, lavar louças, regar plantações, abastecimento da empresa Tobasa Bioindustrial, dentre outras.



Foto 04 – Local do lavatório de roupas no riacho que passa pela comunidade. Fonte: Acervo pessoal Josiane Martins

Outra característica marcante deste local é o porto dos barcos (ver foto 07 – porto dos bascos da comunidade dos pescadores), o acesso a este local é por um caminho de terra criado na descida de um barranco, as margens do Rio Tocantins nos meses de seca forma-se uma espécie de praia bem pequena é neste exato local onde os bascos ficam atracados, acorrentados e trancados com cadeados a uma haste de aço. Segundo os moradores locais, esta peça foi retirada de uma patrol e fincada às margens do rio.

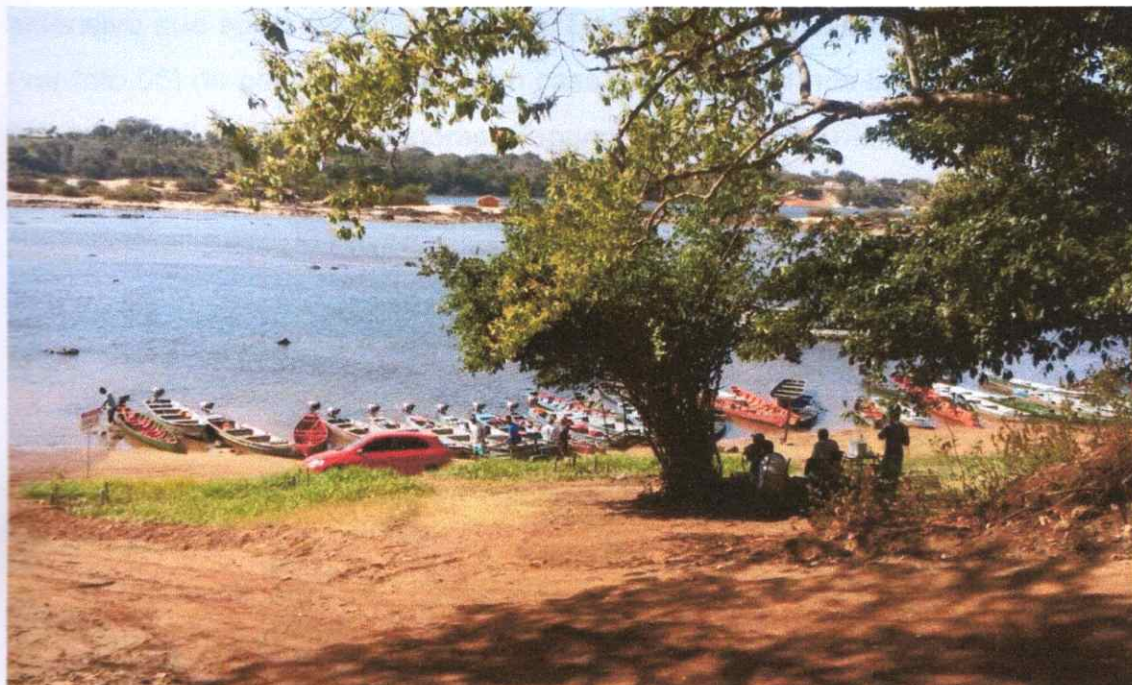


Foto 05 - Porto dos barcos da colônia de pescadores Z7. Fonte: Acervo pessoal Josiane Martins

A última característica que gostaria de ressaltar por considerá-la uma marca desta comunidade é o modo de pesca (ver foto 06), que segundo Hallwas *et al* (2011, p. 7):

A atividade pesqueira fornece renda para milhões de pessoas e é responsável por cerca de 25% da proteína animal consumida no mundo; contudo, atualmente, cerca de 80% dos estoques pesqueiros estão completamente explorados ou sobre explorados (FAO 2009, Gutiérrez *et al.* 2011). Essa forte pressão pesqueira gera alto risco de perda de biodiversidade de peixes e de degradação de ecossistemas aquáticos em todo o mundo (Gewin 2004; Garcia & Cochrane 2005; Hilborn 2007). É possível distinguir a escala de exploração pesqueira em ao menos dois grandes grupos: industrial e artesanal. A pesca artesanal desempenha um importante papel na economia e segurança alimentar das populações pobres em todo o mundo.

Hallwas *et al* (2011, p. 7) ainda complementa sobre a pesca artesanal dizendo que:

A pesca artesanal é responsável por cerca de 60% do total de pescado na Amazônia (Bayley & Petere 1989), sendo que a média de consumo de peixe por habitante nessa região é uma das mais altas do mundo (Isaac *et al.* 2008), o que mostra a alta dependência alimentar e econômica de comunidades ribeirinhas amazônicas sobre a pesca (Coomes *et al.*, 2010).

Assim, temos que este modelo de pesca é determinado por uma série de fatores entre os principais estão: as redes, os barcos e o modo individual ou menos

extensivo que estas técnicas causam. Deste modo temos que, as redes ou tarrafas (ver foto 05) de pesca são feitas em casa e seus tamanhos limitados e adequados à capacidade física dos pescadores. Segundo o pescador Antônio Carlos:

As traíás de pesca, [redes e tarrafas que ele utiliza para a pesca] são feitas por mim mesmo. Só que muitas traíás [agora] são compradas prontas. Quando eu faço as redes e tarrafas, uso a linhas de náilon, chumbos e isopor. Comprar a rede já pronta se torna mais barato, pois a confecção da mesma requer muito tempo, mas às vezes e por alguns motivos é preciso que nos pescadores façamos nossa própria traia, ou conserte quando alguma é rasgada durante a pesca. (Grifo meu).

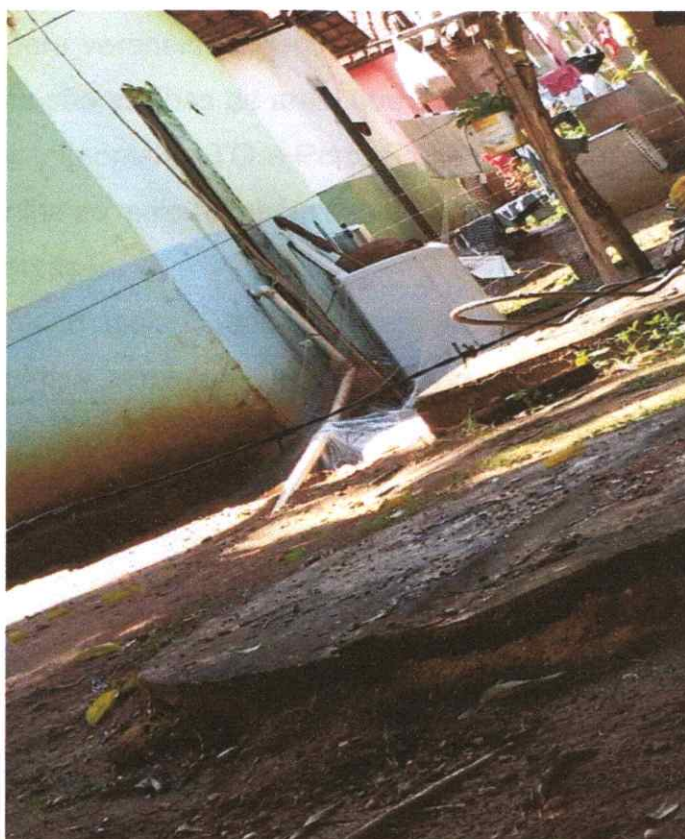


Foto 06 - confecção ou concerto da rede e traíás de pesca (Fonte: Acervo pessoal Josiane Martins)

Os barcos utilizados na pesca algumas décadas atrás também eram feitos de madeira e talhados de modo artesanal pelos próprios pescadores e deslocados, quando do trajeto entre o porto dos pescadores e o local no rio onde acontecia a pesca por meio de remo manual ou então com uso de motor de baixa potência popularmente conhecida como voadeira.

Contudo, atualmente encontramos na comunidade embarcações de metal com motores mais potentes (ver foto 03 – porto dos pescadores atualmente.) comprados em outras cidades. E há, da parte dos pescadores, duas justificativas para essa escolha, a primeira é devido ao tempo que leva para produzir e para fazer

manutenção, a segunda é devido a potência maior e o esforço menor para se deslocar no barco impulsionado por motor a diesel, o que gera certa economia de tempo fazendo assim uma maior distância em menor tempo. Aqui cabe salientar que, percorrer uma maior distância para conseguir manter a produção se tornou uma necessidade a partir das modificações (construção de barragem) no rio.

Dado sua velocidade e maior conforto estas embarcações acabam ganhando em Tocantinópolis duas utilidades: são utilizados tanto para a pesca regular quanto para o transporte de passageiros (turistas) que nos meses de junho, julho e agosto chegam à cidade para veraneio. E, tendo em vista que a principal e mais badalada atração desta época são as ilhas de areia que se formam no meio do rio (justamente na divisa entre Tocantinópolis - TO e Porto Franco - MA), a saber, uma é a Ilha da Santa e a outra é a ilha do meio (também chamada de ilha de caras) que só se alcança a nado ou de embarcação.

Assim, como a maioria das pessoas vai para as ilhas e levam: celular, documentos, dinheiro e alimentos cresce a procura pelas embarcações que não concorrem diretamente neste caso com a concessionária do serviço de travessia do rio, uma vez que as balsas grandes não conseguem atracar nas ilhas.



Foto 07- Embarcações de metal com motores (Fonte: Acervo pessoal Josiane Martins)

O modo de pesca é realizado a partir da captura do pescado em locais estratégicos do rio utilizando as redes, tarrafas e espinhel. A saída para pescar, como de costume, ocorre no final da tarde ou no início da manhã (na madrugada entre 4:00 e 5:00 horas da manhã). Nesses horários os pescadores se dirigem ao local de pesca específico ou então para os "locais de ceva", expressão que eles usam para designar o local determinado e escolhido por eles onde é posto comida para os peixes durante algum tempo e onde eles se aglomerarem facilitando assim sua captura.

Logo após o término da pesca os trabalhadores retornam à comunidade onde o pescado é pesado e dividido em partes iguais entre os pescadores (representando suas famílias) que participaram do trabalho. Atualmente, além desta forma, que poderíamos chamar de colaborativa, esta atividade é realizada também por alguns pescadores de forma individual, este fato será tratado de forma crítica em capítulo posterior.

3. COLÔNIA Z7 DE PESCADORES: História e impactos ocasionados pela Usina Hidrelétrica de Estreito – UHE-Estreito.

3.1 Colônia Z7 de pescadores, breve histórico e aspectos sociais.

Não há registro histórico documental sobre o surgimento da atividade pesqueira em Tocantinópolis, mas segundo o relato de alguns moradores esta prática é realizada desde a ocupação deste território por pessoas que aqui fincaram suas moradias e raízes. Em alguns momentos os moradores relatam que a atividade de pesca inicialmente era realizada as margens do Rio Tocantins no local que hoje se estende deste o primeiro porto de balsas até a confluência do córrego Ribeirãozinho (citado no primeiro capítulo) com o rio.

A pesca realizada na cidade, em sua origem, era para subsistência e quando utilizado para fins comerciais servia como mercadoria de troca no Mercado Municipal de Tocantinópolis situado na beira rio, (foto 04). Com o passar do tempo este sistema de mercadoria e troca se fortaleceu adaptando-se às exigências da economia local. Como resultado, hoje a carne de peixe ou o pescado tem um preço que varia dependendo da espécie do pescado, mas cujo padrão e qualidade se tornou confiável⁵ e mais ou menos padronizado.

⁵ Essa confiança conquistada ao longo do tempo foi posta a cheque com a construção da UHE Estreito, que causou grande mortandade de peixe e especulações locais sobre a causa. Uma versão muito difundida da história foi a que afirmará que o pescado e as águas haviam sido contaminados por metais pesados. Como discutiremos mais e mais detidamente mais a frente.



Fotografia 08- Antigo Mercado Municipal de Tocantinópolis (Fonte: Site Tocnoticias.com.br)

Há dois aspectos que formaram este universo. O primeiro a formação da própria comunidade que tem seu início com as primeiras ocupações por volta do ano de 1970 e o segundo a fundação da Colônia de pescadores Z7⁶ no ano de 1997. Atualmente estes dois aspectos se sobrepõe inclusive, de certa forma, fisicamente, pois estão em um mesmo local. O que não acontecia antes, visto que a Colônia funcionava em um espaço perto da comunidade e hoje tem sua sede dentro da comunidade e em local que pode ser considerado como estratégico (foto 05).

⁶ O nome Colônia de Pescadores Z7, mais especificamente Z7 significa Zona Sete, este nome foi atribuído por haver colônias de pescadores em todo o estado do Tocantins, a comunidade situada na cidade de Tocantinópolis foi atribuído o número 7, por isso colônia de Pescadores Zona Sete ou Z7.

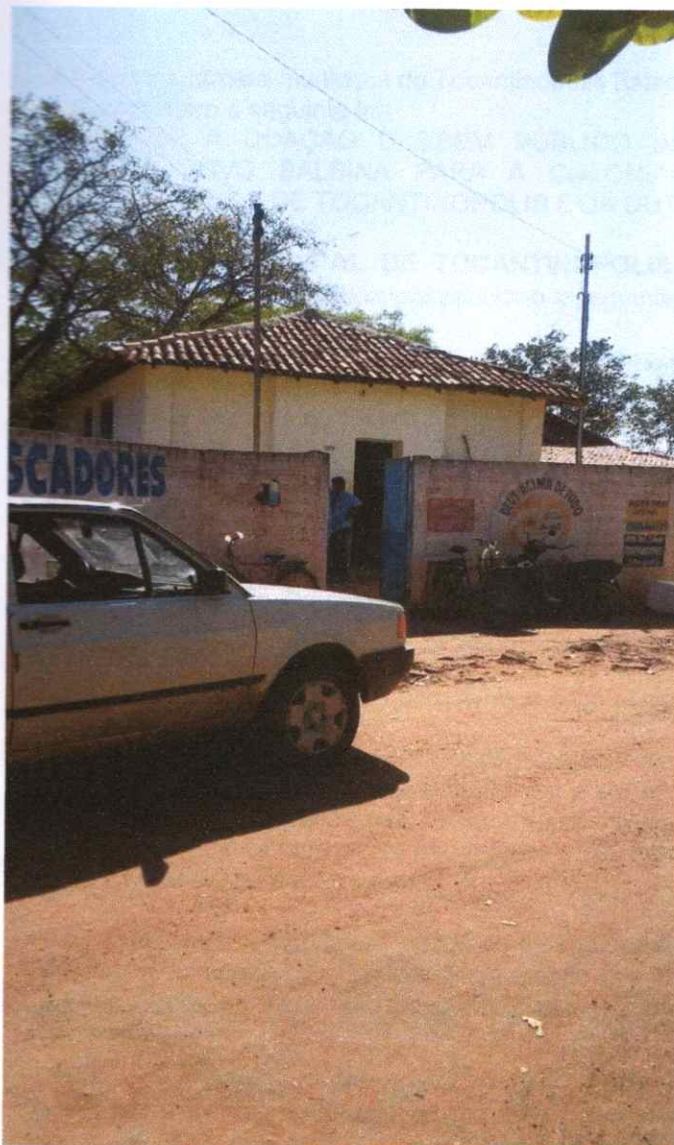


Foto 09 - Sede da Colônia de pescadores Z7 (Fonte: Acervo pessoal Joseane Martins)

A colônia dos pescadores Z7 (zona sete) funcionava inicialmente, nos idos de 1970, próximo à Câmara Municipal de Tocantinópolis. O local era conhecido como Mercado Municipal (foto 04) nos anos iniciais da cidade de Tocantinópolis que à época era conhecida como Boa Vista e por algum tempo chamou-se Boa Vista do Padre João. Atualmente a colônia de pescadores está localizada às margens do Rio Tocantins na Rua 10 de Julho popularmente conhecida na cidade como "Rua da Palha", esquina com a Rua do Matadouro, num prédio municipal doado onde antes funcionava a Escola Municipal Mãe Eduvirgens.

Este prédio foi doado/cedido à Colônia recentemente através da Lei Municipal nº 995/2015:

A mesa da câmara municipal de Tocantinópolis Estado do Tocantins aprovou e Eu sanciono a seguinte lei:

AUTORIZA A DOAÇÃO D EBEM PUBLICO IMOVEL DENOMINADO ESCOLA VOVO BALBINA PARA A COLONIA DOS PESCADORES ARTESANAIS Z-7 DE TOCANTINOPOLIS E DÁ OUTRAS PROVIDENCIAS.

A CAMARA MUNICIPAL DE TOCANTINÓPOLIS, Estado de Tocantins aprovou e eu, Prefeito Municipal sanciono a seguinte lei:

Art.1º - Fica a Prefeitura Municipal de Tocantinópolis, através de seu Poder Executivo, autorizada a doar a título gratuito, bem público imóvel quer especifica a **Colônia de Pescadores Artesanais Z-7 DE Tocantinópolis/TO** devidamente inscrita no CNPJ do MF sob n. 02.468.879/0001-26 estabelecida a Rua do Matadouro 249 Centro nesta cidade e comarca de Tocantinópolis Estado do Tocantins, nos termos do artigo 10.X da lei Orgânica do Município.

Parágrafo Único – O bem público imóvel de que trata o caput deste artigo é uma área 421 m², localizada na zona central deste município.

Art. 2º - A entidade donatário utilizada o imóvel identificado no Parágrafo Único do Art.1º, como sede e desenvolver suas atividades profissionais.

Art.3º - Na Escritura Pública de Doação deverá constar expressamente que se o imóvel objeto da presente doação vier a ser alienado, terá o Município de Tocantinópolis preferência na aquisição, devendo ser notificado pela Entidade donatário num prazo não inferior a 30 (trinta dias) para que possa exercer seu direito preferencial.

Art. 4º Na mesma Escritura Pública de Doação deverá constar ainda que a falta de observância dos dispostos nos artigos 2º e 3º desta lei, Tomará nula a alienação e por consequência a doação revertendo ao patrimônio público municipal.

A Colônia funciona em horário comercial de segunda a sábado. Nas proximidades existem imóveis residências. A grande maioria dos pescadores cadastrados na colônia mora nas proximidades, residem à Rua do Matadouro e à Rua 10 de julho, que fazem parte do Bairro Beira Rio. Vale informar que próximo à sede da colônia há um local (cerca de 50, a 60 metros de distância da sede da colônia) que funciona como um cais onde estes trabalhadores atracam suas canoas. Este local é tanto o ponto de partida para sua jornada de pesca quanto o ponto de chegada para onde estes trazem o pescado ainda fresco para o consumo e para a venda.

A maioria dos pescadores é semianalfabeto, muitas famílias dependem da pesca que até a alguns anos era muito produtiva com diversas espécies de pescado e após a construção da Usina Hidrelétrica Estreito Energia (UHE⁷) tudo mudou. Os

⁷ UHE – Usina Hidrelétrica de Estreito, é um empreendimento energético hidroelétrico construído no Rio: Tocantins entre as cidades de Estreito-MA e Aguiarnópolis-TO, e administrado por um consórcio de empresas chamado CESTE – Consórcio Estreito Energia, formado pelas empresas GDF Suez-Tractebel Energia, Vale, Alcoa e Intercement, é responsável pela construção e operação da Usina

pescadores relatam que após a construção começou haver uma mortandade (foto 07) grande e constante de peixes e como consequência veio escassez do pescado, fazendo com que os pescadores buscassem novos locais para sua atividade, como o Rio Araguaia por exemplo.



Foto 10 - peixes retirados do Rio Tocantins na UHE – Estreito (Fonte: Site Tocnoticias.com.br)

Hidrelétrica Estreito (UHE Estreito), que está localizada no Rio Tocantins, na divisa dos Estados do Maranhão e Tocantins.



Foto 11 - mortandade de peixes (Fonte: Acervo pessoal Roberlan Barbosa)

Além da escassez, houve um período logo após a construção da barragem quando o lago começou a encher que a população passou a não querer mais comprar o peixe pescado no Tocantins. O motivo desta "retaliação" foram os boatos de que havia uma substância tóxica liberada pela UHE, que, segundo a história contada, envenenava a água, os peixes e em consequência quem os consumisse. Talvez, a origem desta história sejam os peixes aparentemente saudáveis que apareciam mortos nas margens.

Segundo os entrevistados os peixes mortos eram recolhidos dia e noite para que a população não se percebesse o problema e denunciasse aos órgãos competentes - o que provavelmente seria benéfico aos pescadores que, além de não serem os causadores da mortandade, estavam sendo diretamente afetos e possivelmente ganhariam respaldo com as comprovações dos especialistas que o Estado enviaria que atestariam a saúde do pescado. Com isso a produção dos pescadores teve uma baixa muito forte.

Os pescadores entrevistados fazem parte do quadro de associados da instituição desde 2003, segundo eles, cada pescador tem que realizar uma prestação de contas individual à Colônia de suas despesas, no decorrer do ano cada pescador paga R\$ 15,00 (quinze reais). Devido à mortandade de peixes que causou prejuízos significativos aos pescadores estes recorreram à justiça por uma indenização, pois o período em que os peixes estavam morrendo, muitos pescadores passaram necessidades, não adiantava pescar devido ao boato as vendas do pescado caíram muito, pois não havia interesse da população em comprar o peixe "envenenando".

Durante o ano, o trabalhador pesqueiro é proibido do seu ofício durante quatro meses do ano, este período inicia-se no mês de Novembro e termina no mês de Fevereiro. Tal período é tradicionalmente conhecido por piracema (período que cientificamente corresponde à época de reprodução do pescado), porém durante este período o pescador recebe do Governo Federal um auxílio chamado “Seguro Defeso” que corresponde à um salário mínimo vigente mensal. Este benefício tem a finalidade de suprir as necessidades básicas enquanto a piracema não terminar. Período que alguns pescadores aproveitam para produzir seus equipamentos de trabalho (suas tralhas/redes) e se preparar para o próximo período de pesca.

Outra possibilidade de garantia social é no caso do pescador adoecer ou sofrer um acidente, este tem o direito ao auxílio-doença (como qualquer trabalhador), que é pago pelo Instituto Nacional da Seguridade Social (INSS) através do guia sindical que cada pescador paga. Este funciona com um seguro, o recebimento deste tem a duração de acordo com o período em que o pescador estiver afastado de suas atividades mediante análise de perícia médica.

3.2. O Rio Tocantins dá vida aos pescadores, a Usina Hidrelétrica de Estreito tira

3.2.1. O Rio Tocantins

A partir do século XVII, deu – se início no Brasil colonial a extensão dos domínios coloniais e a busca de metais preciosos, sendo as bandeiras paulistas responsáveis pelo adentro de áreas até então desconhecidos pelos colonizadores, eram compostas por gente de toda sorte, que vinham em busca de possíveis riquezas minerais ou mesmo com o intuito de aprisionar “os povos originários da terra”, para fazê-los cativos. Nesse cenário, os desbravadores contavam com incontáveis obstáculos para conseguir avançar para o interior do continente, se embrenhando pelas matas e florestas, e o principal deles era a falta de rotas terrestres, desta forma os rios eram a principal e a mais viável das alternativas de desbravamento do interior brasileiro. De maneira que com o Tocantins não foi diferente.

Já era conhecido e navegado por bandeirantes e jesuítas desde o século XVI, mas a ocupação de suas margens por povos não-indígenas só aconteceu a partir do século XVIII. Com a descoberta de metais preciosos na região, os conflitos entre colonizadores na tentativa de *desinfestar* a área e povos indígenas se intensificaram, sendo comuns os ataques tanto por parte dos

índios quanto dos colonizadores. O alvará que proibiu a navegação desses rios no auge do período minerário pode ter sido um dos elementos responsáveis pela escassez e demora da povoação de suas margens. Nessa época, a ocupação seria útil para a proteção do transporte do ouro e para apoio e comércio de produtos agrícolas, tão difíceis de serem encontrados nas cidades que se dedicavam à mineração (Oliveira, 2009, p. 3).

Os bandeirantes viajavam em pequenas embarcações e com provisões e armamentos, algumas vezes, nem tão suficientes. E no caso do norte goiano (atual Tocantins) não fora diferente, o Rio que tanto inspira o nome da cidade e dá nome ao estado foi a principal rota colonizadora do século XVII. De modo que, junto com os colonizadores vieram também às tradições, costumes, religião e cultura de outras regiões. E assim como coloca Oliveira (2009, p.1):

Tanto no Brasil como em outros países, os rios foram os caminhos naturais para o conhecimento do interior, nas fases de descobrimento e colonização. Utilizados para a penetração no território, contribuíram de forma significativa para a expansão da fronteira brasileira no período colonial, servindo-se deles tanto os religiosos em busca de povos indígenas para a catequese, quanto os bandeirantes, também no aprisionamento de indígenas para serem utilizados como mão de obra, e na procura por metais preciosos.

Daí em diante o Rio de Tocantins (nome de origem indígena que significa "bico de tucano", através da junção das palavras *tukana* - tucano e *TIM* - bico), começa a sofrer com o processo de ocupação humana, primeiro serve como rota comercial para escoamento dos produtos da terra como: as castanhas, a borracha e outros. Posteriormente as suas águas passam a ter vários usos incluindo o desuso/descarte, que vão desde a irrigação de pequenas a extensas plantações, até a tão cobiçada construção de usinas hidrelétricas.

No tocante às promessas referentes ao abastecimento interno, há de se pontuar que, do total da energia gerada pelas usinas instaladas ao longo do rio uma quantidade mínima de sua produção serve para o abastecimento do Estado, a maioria visa à exportação. Vale ressaltar que o mesmo rio, vem sofrendo com a interferência humana desde sua nascente no Estado de Goiás, onde fora construída o Lago Serra da Mesa, um enorme lago que concentra a água dos rios Das Almas, Maranhão e seus afluentes, que dão origem ao Rio Tocantins. Ainda ao longo do seu curso temos, usinas de grande porte construídas e em construção e outras de pequeno e médio porte projetadas para serem construídas.

A geografia do Rio Tocantins em todo seu curso é praticamente a mesma nos descritos de Oliveira (2009), percebemos descrição idêntica ao trecho do rio em que esta comunidade habita:

Devido à natureza de seus terrenos e às diferenças pluviométricas, as condições de navegabilidade de seu leito variam muito. Podem ser destacados três trechos distintos: o Alto Tocantins, que vai das nascentes até a cachoeira do Lajeado, medindo 1.050 km; o Médio Tocantins, da cachoeira do Lajeado à cachoeira de Itaboca, com 980 km; e o Baixo Tocantins, da cachoeira de Itaboca até a foz, com aproximadamente 370 km. A navegação não se faz com facilidade por causa das corredeiras, cachoeiras e pela pouca profundidade em certos trechos no período da seca.

O estudioso da bacia amazônica, Leandro Tocantins afirma que "Diferente e multiforme é o rio Tocantins. Diferente das outras artérias da Amazônia em sua avenida líquida, em sua navegação, no pálio de suas florestas, nas manifestações da vida social e até no próprio curso, discordado, contestado." (TOCANTINS, 1973:185). O autor acrescenta que os rios, *caminhos que andam*, podem trazer tanto a fortuna como a desgraça. O ribeirinho conhece bem esta máxima.

Essas construções humanas a cada dia vêm transformando não somente os recursos naturais como também a vida de quem deles depende para sua sobrevivência, como por exemplo, a população ribeirinha a cada dia mais afetada e desagregada pelo empreendimento energético que desconsidera sua cultura e relação intrínseca com os rios, assim sendo essas populações são realocadas em lugares que em nada condizem com sua realidade de outrora, dificultando ou impossibilitando a sua capacidade de subsistência.

A importância do Rio Tocantins para a vida destas pessoas é perceptível a partir do que descreve RODRIGUES:

"Com seus 2.400km, o Rio Tocantins passeia por planaltos e planícies, corredeiras e estirões, cachoeiras e pedregais. Nasce no Estado de Goiás entre os municípios de Ouro Verde e Petrolina. Atravessa o país de sul a norte, recebendo vários nomes sendo eles Rio da Almas, Rio Padre Souza, Rio Maranhão ou Tocantins, Tocantins-Araguaia ao se juntar com o Rio Araguaia e, Finalmente Tocantins. Perpassa pelo Estado do Tocantins, Maranhão Pará que vai até a sua Foz no Golfão Amazônico, Localizado na Ilha do Marajó, próximo a Belém, para desaguar, finalmente, no Oceano Atlântico. Nesse percurso observa-se uma diversidade ou multiplicidade natural que vai do clima, solo, vegetação, fauna e regiões". (RODRIGUES, p.3)

Fica claro, a imensidão do Rio Tocantins, o que nos permite pensar a partir de sua diversidade e tamanho, a importância que este tem para as cidades criadas a sua margem.

Ao longo de toda história da Cidade de Tocantinópolis, o Rio Tocantins, teve suas contribuições, seja ele como local de exploração de alimentos, ou como via de comércio aquático que se desenvolveu na região por muitos anos. A pesca sempre foi realizada de forma organizada a partir de como o ambiente se apresentava em cada período do ano, temos como exemplo a cheia, dependendo de como o rio se apresentava os pescadores realizavam suas atividades.

Atualmente a pesca se tornou mais difícil, pois a cheia ou seca do rio é controlado pela barragem ao abrir e fechar suas comportas. Outro exemplo é o pescado, as mais variadas opções de espécies de peixes no rio também foram afetadas diretamente pelo empreendimento energético.

Outro aspecto deste trabalho é entender sobre quais circunstâncias estaremos trabalhando com o termo comunidade, segundo MATTOS 2011 p. 153, "comunidade é conjunto de pessoas que têm alguma característica em comum".

Há uma série de elementos que nos faz pensar estas pessoas como integrantes de uma comunidade. Primeiro o fato de todas elas viverem da pesca. Segundo todas elas desenvolveram ao longo de sua vidas costumes comuns por terem o mesmo estilo de vida e convivência, terceiro estas pessoas formam um grupo de trabalhadores antes artesanais e que agora são trabalhadores profissionais, tendo seus direitos previdenciários assegurados a partir da atividade que desenvolvem. E quarto há uma série de características secundárias que está presente na forma de vida destas pessoas.

A pesca é uma atividade desenvolvida e aprimorada durante muito tempo no Brasil como afirma FOSCHIERA E PEREIRA:

A pesca constitui uma atividade muito antiga, presente desde o período pré-histórico, nos primeiros agrupamentos humanos. Segundo Cardoso (1996), dentre as pescarias do período colonial, no Brasil, a pesca da baleia se destacava, sendo responsável pelo fornecimento de carne, toucinho e principalmente azeite empregado na iluminação pública.

De acordo com Cardoso (1996 apud MUSSOLINI, 1980), a evolução das artes de pesca foi sendo engendrada ao longo da história do Brasil. Apetrechos de pesca indígenas foram transformados por escravos africanos ou colonos europeus. As armadilhas de pesca africanas foram adaptadas às condições das lagunas e estuários brasileiros. Da Europa vieram inovações como a rede de traina, já da imigração oriental vieram novos ingredientes para a estruturação da pesca no Brasil, deixando assim os apetrechos de pesca mais brasileiro. (FOSCHIERA E PEREIRA, 2014 p. 95)

O modo e instrumento de pesca são similares ao que descreve VALENCIO:

Os meios de produção fundamental da pesca artesanal, visando à sobrevivência e reprodução do grupo, são os petrechos mono específicos (como tarrafas, anzóis, físgas, caceias etc.), ou multiespecíficos (como redes de espera), que variam conforme a espécie de peixe que se objetiva capturar bem como as embarcações, quase que imperiosas, embora haja pescarias de beiras e de pedras em rios que as dispensam" (VALENCIO, ano p. 05)

Desta forma a pesca, por sua variedade de utensílios e métodos, que podem ser distinguidos de uma comunidade para outra também pode ser estudada e compreendida como uma atividade cultural, ou seja, a introdução do empreendimento

energético no Rio Tocantins que afeta a comunidade de pescadores, os prejudica de forma econômica como também os prejudica de forma sociocultural.

3.2.2. UHE Estreito, impactos e prejuízos aos pescadores abaixo da barragem

As usinas hidrelétricas geram uma série de problemas onde são construídas, afetando direta e indiretamente a vida de várias pessoas e comunidades, segundo o pescador Antônio Carlos Ferreira dos santos (48 anos) conhecido como paraguaio:

Antes da barragem o rio era forte e dava a vida a nós pescadores que dependiam dele para sobreviver, hoje a barragem está matando nosso rio tirando a vida que o rio Tocantins dava pra nois pescadores estamos morrendo aos poucos, "o rio nos deu vida, a barragem está tirando ela de nós".

Esta mudança também é atribuída a política do governo brasileiro de geração de energia que resolveu utilizar os recursos hídricos disponíveis em território nacional como explica Valentini (2011, p.4):

"No Brasil, a política de geração de energia elétrica elegeu como alvo principal os extensos recursos hídricos. Porém, os impactos decorrentes do represamento das águas provocam profundas alterações nos leitos dos rios e em suas margens, encobrem a vegetação, eliminam a fauna local, alteram a ictiofauna, alagam reservas de argila, terras férteis e cultiváveis - expropriando os produtores - e alteram ainda mais profundamente a atividade da pesca artesanal e toda a vida das comunidades que sofrem um impacto socioeconômico e cultural severo".

Estes empreendimentos são amparados também por legislação específica como cita Valentini (2011, p.4):

"A Política Nacional de Recursos Hídricos (Lei 9.433/97) tem como um de seus fundamentos que "A gestão dos recursos hídricos deve ser descentralizada e contar com a participação do Poder Público, dos usuários e das comunidades". A descentralização permite decisões e ações próximas dos fatos, levando-se em conta as especificidades locais (Feichas, 2002), mas nem sempre todos os usuários de uma bacia hidrográfica são igualmente ouvidos quando se faz um projeto de grande proporção que poderá afetar a vida de todos".

O resultado de todo este processo de modernização, avanço tecnológico para produção energética, produção energética em larga escala, está afetando diretamente a forma de vida cultural da comunidade de pescadores de Tocantinópolis, pois esta não se instalou as margens do Rio Tocantins, há poucos anos, mas foi criada e seus valores forma cultivados ao longo de muitos anos.

Estes pescadores que hoje habitam esta região são pessoas e descendentes de pessoas que migraram da região nordeste e norte do país, trazendo com sigo uma

série de elementos culturais que podem ter sido desenvolvidos em outro local também localizado as margens de um rio.

O sentido de cultura aqui trabalhado vai de encontro ao que escreve SANTOS 2006 p 24:

"Cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação" ou então de grupos no interior de uma sociedade. Podemos assim falar na cultura francesa ou na cultura xavante. Do mesmo modo falamos na cultura camponesa ou então na cultura dos antigos astecas. Nesses casos, cultura refere-se a realidades sociais bem distintas. No entanto, o sentido em que se fala de cultura é o mesmo: em cada caso dar conta das características dos agrupamentos a que se refere, preocupando-se com a totalidade dessas características, digam elas respeito às maneiras de conceber e organizar a vida social ou a seus aspectos materiais. Embora essa concepção de cultura possa ser usada de modo genérico, ela é mais usual quando se fala de povo se de realidades sociais bem diferentes das nossas, com os quais partilhamos de poucas características em comum, seja na organização da sociedade, na forma de produzir o necessário para a sobrevivência ou nas maneiras de ver o mundo.

A partir deste conceito entendemos que a comunidade de pescadores, tem em sua organização e estrutura vários elementos culturais simbólicos ou não que permitiram ao longo do tempo sua organização e funcionamento beneficiando uma comunidade que em sua forma simples de viver revelam características de uma nação rica em conhecimentos tradicionais repassados de geração a geração.

Para finalizarmos a cultura trazida e mantida por esta comunidade, foi comprometida e abalada ao passo em que um dos elementos principais para o seu bom funcionamento (o Rio Tocantins) foi prejudicado. As relações pré-estabelecidas, as vivências ocasionados pela pesca, os costumes criados ao longo do tempo estão se afogando a cada cheia artificial do rio. Todos os traços em volta destas atividades foram violentamente abalados e alguns perdidos nas memórias apagadas pelo tempo.

4. MODIFICAÇÃO DE UMA CULTURA PESQUEIRA, À GUIA DA CONCLUSÃO

As comunidades pesqueiras que vivem e sobrevivem de suas atividades e interações com os rios criam durante anos e anos de existência seu modo de vida que é próprio de cada comunidade, é próprio porque seu modo seus costumes crenças são influenciados por vários elementos que variam de um local para o outro. A atividade pesqueira realizada por uma comunidade é construída a partir das relações e conhecimentos internos e particulares a cada uma.

A construção das usinas hidrelétricas interfere diretamente neste *ethos* cultural, modificando de forma violenta e rápida costumes que demoraram anos e anos se aperfeiçoando, com a comunidade Z7 e seus integrantes não foi diferente, a necessidade e sobreviver hoje pensada a partir do ganho do lucro administrada por uma entidade que em seu seio já demonstras sinais de forte interferência política externa, afasta seus integrantes, torna a relação de individuo para individuo, mais distante descaracterizando a noção de comunidade, colônia.

Percebemos isso na fala de alguns pescadores ao afirmarem que hoje, há a necessidade de se ganhar mais, quando esta necessidade se choca com a interferência no fluxo de peixes ocasionado pela UHE-Estreito, os pescadores tradicionais se veem na obrigação por intermédio de suas necessidades particulares de abandonar alguns costumes pelo seu bem maior.

Corroborando com isto, a pesca que antes era realizada tradicionalmente em grupo agora por muitos é realizada individualmente, é neste tempo/espaco que as relações que foram construídas e estruturaram o grupo enfraquecem ao ponto de possibilitar o desaparecimento de muitos elementos que deram origem e caracterizaram este grupo como comunidade.

Como resultado o que se via como algo cultural quando “é construída a partir das ações e inter-relações sociais. As pessoas fazendo parte de uma sociedade acabam interagindo umas com as outras, trocando ideias, conhecimentos e etc.” (Silva e Mendes 2014), e tradicional “onde os hábitos e costumes, manifestações, expressões, sentimentos e outros estão inseridos, identificando cada componente dessa sociedade determinando o seu modo de viver e de ser” (Silva e Mendes 2014) está se perdendo no tempo, descendo rio abaixo, seguindo o fluxo do majestoso Rio Tocantins.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rogério. *Estreito: audiência pública ou comício?* Disponível em: <http://www.carolina.com.br>. Acesso em julho de 2016 às 15:00.

AMORIM, Fred Lima; JESUS, Antonivaldo de. *IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS DA CONSTRUÇÃO DA UHE - ESTREITO NA COMUNIDADE DE PALMATUBA EM BABAÇULÂNDIA-TO*. Jatai/GO: GeoAmbiente 2006.

BAUMAN, Zygmunt; et al. *O papel da cultura nas ciências sociais*. Porto Alegre: EDITORIAL VILLA MARTHA LTDA, 1980.

CASTRO, Vonínio Brito de; BARROS, Flávio Bezerra. "Depois da barragem tudo mudou": o drama da pesca e dos pescadores artesanais do médio rio Tocantins. Belém-PA. *GeoAmazonia*. Vol. 3 nº 5 pp117-140.

FERREIRA, D. T. A. M. et al. Perdas simbólicas e os atingidos por barragens: o caso da Usina Hidrelétrica de Estreito, Brasil. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v. 30, p. 73-87, jul. 2014.

HALLWASS, Gustavo. *Ecologia Humana da Pesca e Mudanças no Baixo Tocantins, Amazônia Brasileira*. Março 2011. 97 folhas. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário Luft*. São Paulo: Ática 2005.

OLIVEIRA, Maria de Fátima, *Rio Tocantins: eco de diferentes vozes*. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEREIRA, Marcelo Divino Ribeiro. *Os impactos socioeconômicos e o processo indenizatório das comunidades ribeirinhas atingidas pela usina hidrelétrica de estreito – maranhão*. 17/06/2013. 86 folhas. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Tocantins. Palmas-TO. Março 2013

RODRIGUES, Giselda Moura. *Rio Tocantins: futuro certo ou incerto*. Disponível em <<http://www.mouranet.com.br/painel/noticias/lela.PDF>> Acesso em 16/04/2015 às 10:00hr.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA, Susie Barreto da. *A importância das raízes culturais para a identidade cultural do indivíduo*. Disponível em: <http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/artes/a-importancia-das-raizes-culturais-para-identidade-htm>. Acesso em: 11/07/2016 as 10:00

VALENTINI, C. M. A.; et al. *IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS GERADOS AOS PESCADORES DA COMUNIDADE RIBEIRINHA DE BONSUCESSO- MT PELA CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM DE MANSO*. Rio Grande do Norte: HOLOS 2011.

VAINER, C. B. População, meio ambiente e conflito social na construção de hidrelétricas. Coletânea momento. In: MARTINS, George (Org.). *População, médio ambiente e desenvolvimento: verdades e contradições*. 2 ed. Campinas - SP, 1996.

WALDMAN, M. *Ecologia e Lutas sociais no Brasil*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

ZUCARELLI, Marcos Cristiano. A construção de usinas hidrelétricas e as disputas assimétricas para usos diversos dos espaços ambientais. *Latitude*, Vol. 9, nº 1, pp. 07-28, 2015.

SITES CONSULTADOS

<http://greenpeace.org.br/tapajos/docs/analise-eia-rima.pdf>

<http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/artes>

<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/qual-o-impacto-ambiental-da-instalacao-de-uma-hidreletrica>

<http://www.mabnacional.org.br>

<http://www.scielo.br>

<http://www.tocnoticias.com.br>

<http://www.uhe-estreiro.com.br/riopardovivo.org/2012/>

GLOSSÁRIO

A

Alvenaria – Tijolos produzidos a partir de processo escavação do barro que depois é amolecido com pisadas (regadas com água), postos em uma forma e depois assados uma forma específica aquecidos com lenha, até ganhar consistência.

B

Babaçu – Planta da Família das palmáceas, dotada de frutos drupáceos com sementes oleaginosas e comestíveis, da qual se extrai um óleo, empregado, sobretudo na alimentação. Das folhas e espadas se fabricam esteiras, cestos, chapéus e etc. (Ferreira, 2004 p. 245), planta típica da região norte do território brasileiro e encontrado com certa abundância na região que beira o Rio Tocantins.

C

Casa de Taipa – Casa feita com “paredes de barro ou cal e areia com enxaiméis e fasquias de madeiras”. (Ferreira, 2004 p. 810)

Cerca de Babaçu – Cerca produzida com amarração da espada (ou talo) do babaçu, amarrados com arame liso no arame farpado sustentados por estacas de madeira. (Dados da observação em campo).

Ceva – Grãos ou iscas que se coloca em lugar determinado, para atrair a caça (Ferreira, 2004 p. 446), neste caso em específico é escolhido um local determinado no Rio Tocantins onde estes são depositados para atrair os peixes e facilitar a pesca por intermédio da tarrafa (Dados da observação em campo).

E

Espinhel de pesca – Aparelho de pesca formado por uma extensa corda na qual se prende, de espaço em espaço, linhas armadas de anzóis (Ferreira, 2004 p. 810), preferencialmente este aparelho é produzido com corda de nylon.

P

Palha de Babaçu – Folha do babaçu preso a espada ou talo do babaçu.

R

Rede de pesca – Pode ser rede de Arrasto (rede dotada de arrasto utilizado na pesca fluvial ou costeira, e que é arrastada no fundo do mar ou do rio para recolher diversos tipos de peixes (Ferreira, 2004 p. 1714). Há ainda a rede circular equipada com chumbos espaçados na borda da circunferência da rede, que ao ser arremessada sobre o cardume ou aglomeração de peixes causa atordoamento facilitando a captura dos mesmos que ficam presos a ela (Dados da observação em campo).

T

Telha de Coxa – Telha produzida pelo mesmo processo da alvenaria, porém após sair da forma específica e antes do cozimento e moldada na coxa pelo trabalhador que a produz. (Dados da pesquisa).

Tijolos de barro – Produzidos a partir da escavação do barro vermelho e processamento igual ao da Alvenaria, este se diferencia da Alvenaria no processo de secagem que é feito ao ar livre, exposto ao sol.

Tobasa – Empresa extrativista que trabalha especificamente com o coco do babaçu, com nome oficial Tobasa Bioindustrial, encontra-se próximo ao centro da cidade de Tocantinópolis, e utiliza o babaçu para produção de diversos produtos, como carvão vegetal (principal atividade atualmente), sabão e óleo. (Dados da Pesquisa).

Traias de pesca – Todo material utilizado para a pesca no Rio Tocantins. (Dados da pesquisa).